

PT fará alianças sem prejudicar o perfil partidário

O deputado Aldo Arantes (PC do B-GO) adverte que a negociação em torno da candidatura de Lula terá de ser feita com cautela para evitar o aumento da cúpula e o esvaziamento da base

O alinhamento de forças políticas progressistas em torno da candidatura Luiz Inácio Lula da Silva já mostra os primeiros sinais de dificuldades. Apesar de não ter sido proclamado o resultado oficial, a cúpula da Frente Brasil Popular acredita que, para tentar derrotar Fernando Collor de Mello no segundo turno, é imprescindível a ampliação do leque de negociações, sem descaracterizar o perfil da candidatura. A intenção da cúpula, no entanto, começa a esbarrar nos interesses regionais do partido. O PT baiano já disse que não aceita a adesão de Waldir Pires, candidato a vice na chapa do PMDB, enquanto o PT carioca e também o PC do B não querem cogitar a possibilidade do governador do Rio, Moreira Franco, integrar a Frente, não só por divergência regional, como também por ter pertencido ao extinto PDS e apoiado o governo José Sarney.

Para o deputado Aldo Arantes (PC do B-GO) a negociação em torno da candidatura Lula terá que ser conduzida "com cautela" para evitar "o aumento exagerado da cúpula e o esvaziamento da base". Mesmo reconhecendo que é necessário "arregimentar o maior número possível de adesões", Aldo Arantes observa que compor politicamente com o deputado Ulysses Guimarães, "que é a cara do PMDB", também será "muito difícil". Aldo Arantes minimiza os problemas regionais que estão surgindo na Frente Brasil Popular, afirmando que logo todos "perceberão que estamos tratando de uma questão nacional que é muito mais importante".

Costura — Percebendo que essas reações poderiam prejudicar a candidatura Lula, a cúpula do PT decidiu incumbir o líder do Partido na Câmara, deputado Plínio de Arruda Sampaio (SP), da árdua tarefa de organizar o meio de campo para o segundo turno. Assim, há dois dias, Plínio se empenha em manter reuniões e contatos telefônicos com o objetivo de contornar as divergências internas e dar início à costura das composições divergências internas e dar início à costura das composições com forças progressistas. Nestes contatos foram desbancadas as pretensões de duas correntes internas — Convergência Socialista e Causa Operária — de que Lula tentasse seguir sozinho no 2º turno. A argumentação apresentada para rechaçar a proposta foi simples: os grupos significam uma parcela

de pouca representatividade no partido.

Uma outra preocupação que começa a surgir entre os petistas é em relação ao apoio do PDT. Além de tentar cicatrizar o mais rápido possível as feridas abertas pelos ataques de Leonel Brizola na reta final da campanha, Lula terá que conseguir a formalização deste apoio e evitar a desmotivação das bases brizolistas em relação a seu nome. Caso o PDT concretize o seu compromisso, firmado antes do primeiro turno, de apoiar Lula, a Frente estima que uma parcela de, aproximadamente, 10% de seus quadros ficarão neutros ou apoiarão a candidatura Collor de Mello. Isso, no entanto, não chega a preocupar muito pois seriam casos como o dos prefeitos de Natal (RN), Wilma Maia; e João Pessoa (PB), Wilson Braga, que vieram do PDS.

Brizola — O temor é que todo o partido acabe sendo contagiado pelo discurso negativo do líder do PDT na Câmara, Vivaldo Barbosa, que admite ser "muito difícil compor com o Lula, eles são muito fechados". Vivaldo, que não quis em nenhum momento admitir a derrota de Leonel Brizola, diz que, por questão de coerência, o PDT apoiará "a força progressista que chegar ao 2º tur-

no". Esse tom não é apenas de alguém que amargou uma derrota inesperada, mas de quem não vê chances concretas de disputa para o único nome que poderá apoiar. Se essa perspectiva se mantiver no PDT é provável que Leonel Brizola formalize apoio a Lula, mas não suba uma só vez em palanque para tentar transferir os seus votos.

Os problemas do PT também não são poucos em relação aos setores progressistas do PSDB e do PMDB. Os "tucanos" estão rachados e o receio da implosão interna poderá levar o senador Mario Covas a uma posição de neutralidade. Mas mesmo que o PSDB, como um todo, optasse pela adesão a Lula, a cúpula da Frente Brasil Popular teria que negociar a rejeição de alguns nomes que não comungam do programa de governo como dos ex-governadores Franco Montoro, do senador José Richa e do deputado José Serra.

No PMDB há o mesmo tipo de problema. O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, trouxe com ele Moreira Franco e Waldir Pires. Aí quem não aceita composição é a base regional do PT que, pensando em seu futuro político nas eleições do ano que vem, não aceita dividir palanques e espaço com seus adversários.